



Biblios

E-ISSN: 1562-4730

editor@bibliosperu.com

Julio Santillán Aldana, ed.

Perú

do Nascimento Neto, Gustavo Henrique; Câmara de Lima Nascimento, Geysa Flávia
Arquitetura da informação em livros: uma aproximação a partir do comportamento de busca dos
usuários

Biblios, núm. 55, 2014, pp. 1-12

Julio Santillán Aldana, ed.

Lima, Perú

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=16136189001>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Arquitetura da informação em livros: uma aproximação a partir do comportamento de busca dos usuários

Gustavo Henrique do Nascimento Neto
Geysa Flávia Câmara de Lima Nascimento

Universidade Federal da Paraíba - UFPB, Brasil

ANALYSIS

Resumo

O livro é mais do que suporte de dados. É um ambiente de excesso de informação, uma vez que está repleto de signos. Ao longo do tempo, foram desenvolvidos vários instrumentos e formas de usar com mais proveito este tipo de documento. Pode-se assim afirmar que existe uma arquitetura da informação voltada para o livro impresso. Este artigo descreve os instrumentos de arquitetura da informação usados nos livros, sob a ótica da navegação em ambientes informacionais. Capa, descrição, ficha catalográfica, paginação são alguns dos artifícios utilizados para a orientação do leitor no livro. Divide os instrumentos da arquitetura da informação do livro em navegação interna pré-textual: sumário e listas; navegação interna textual: páginas capitulares, capítulos, seções, subseções, título corrente, notas; navegação interna pós-textual: índices; e navegação externa: citações e referências. Conclui que esses instrumentos foram desenvolvidos a partir do uso do livro.

Palavras-chave

Livros ; Arquitetura da informação ; Sistemas de navegação

Information architecture for books: an approach from users seeking behavior

Abstract

Book is more than data support. It is an overload information environment, once is full of signs. Through the ages, many tools and ways to use books with more profit were developed. Thus, there is an information architecture focus upon impressed book. This paper describes information architecture tools used by books, under the information environment navigation optics. Cover, description, cataloging in publication, pagination, are examples of devices used for reader orientation into a book. Divides information architecture devices into pre-textual internal navigation: contents and lists; textual internal navigation: capital pages, chapters, sections, subsections, current title, notes; post-textual internal navigation: index; and external navigation: citations and references. Concludes that these devices has been developed through book use.

Keywords

Books ; Information architecture ; Navigation systems

1 Introdução

Os livros contêm um volume grande de informação, e com o tempo, os profissionais do livro desenvolveram inúmeros recursos para melhorar a experiência do leitor ao consultá-lo. Um livro é um conjunto de signos, letras e números, que reunidos, organizados e dispostos de certa forma dão significado aquilo que seus criadores pretendem expressar.

O livro é um registro de informação. É um “documento formado pela reunião de folhas ou cadernos, geralmente impressos e constituindo uma unidade bibliográfica” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008). No entanto, se o analisarmos enquanto objeto, todo livro é uma fonte de informação. Contém um grande volume de informações em cada uma de suas palavras e das combinações possíveis entre essas palavras. Dessa forma, o livro é uma tecnologia que constantemente tem tido sua Arquitetura da Informação (AI) melhorada (WRIGHT, 2007; ARAUJO, 2007). Morville e Rosenfeld (2006) em seu já clássico livro *Information Architecture for World Wide Web* apresentam semelhanças e diferenças entre a AI de livros e a AI da Web. Neste artigo, procuramos descrever os instrumentos de Arquitetura da Informação dos livros, sob a ótica da navegação em ambientes informacionais.

2 Como os livros são estruturados

Os livros são suportes de informação. Por isso, são feitos e evoluem para atender as necessidades dos seus usuários. Dessa forma, os livros conseguem atender aos comportamentos de busca de informação citados no tópico anterior.

O livro é estruturado em duas partes. A parte externa, que é composta por Capa, Segunda capa, Terceira Capa, Quarta capa ou contracapa, folhas de guarda, orelhas e lombada, e a parte interna, que é dividida em três: pré-textual, textual e pós-textual. Analisaremos aqui a Arquitetura da Informação em livro a partir dessa estrutura.

2.1 Parte externa

Descrição

Na descrição estão os elementos que auxiliam o leitor a conhecer o livro sem precisar lê-lo. A descrição deve trazer informações básicas para situar o leitor no ambiente do livro, e uma experiência mal-sucedida pode fazê-lo desistir da leitura. Neste artigo não cabem maiores explicações sobre a qualidade textual, tipográfica, estilística, de cada um dos elementos de descrição que serão expostos. Tema que deve ser abordado em outros textos. Aqui iremos explicar a importância desses elementos, e como o leitor tira proveito das informações que eles apresentam.

Na descrição estão os recursos oferecidos pelo livro para que o leitor saiba pelo menos:

- O livro que tem em mãos (Título)
- Quem são os responsáveis pelo livro (Autores e editora)
- Quando o livro foi feito (Ano)
- Onde o livro foi publicado (Local)
- Do que o livro trata (Assunto)

Capa

A capa é o primeiro contato do leitor com o livro. Basicamente, a capa traz 5 informações básicas: autor, título, editora, local e ano (NBR 6029). O *autor* traz o nome da pessoa ou entidade responsável pelo conteúdo do livro. O *título* é uma informação que pretende resumir o conteúdo do livro em poucas palavras, para despertar o interesse do leitor. O título só passou a ser usado com frequência depois da imprensa de Gutemberg. Segundo Paul Otlet (1934), o primeiro livro com título, da forma moderna como conhecemos hoje, foi o *Calendario*, de Jean de Montereio, editado em Veneza, em 1476. O *título* bem feito consegue, em poucas palavras, dar noção exata daquilo tratado em seu conteúdo. Otlet (1934) escreveu que o "livro está para seu título assim como um homem está para sua imagem". *Editora* informa sobre qual foi a casa, a instituição responsável pela edição da obra, podendo incluir aí todos os elementos da construção do livro, escolha do papel da capa e do miolo, fontes e tamanho dos caracteres, tiragem, e outras informações. Muitas dessas informações aparecerão no colofão, do que trataremos mais à frente. *Ano* e *local* trazem informação exata de quando e onde o livro foi editado.

A capa foi a princípio desenvolvida para proteger o miolo (papel mais delicado, que contém o texto), e era trabalho do comprador do livro, e não do editor, o de encadernar seus livros. Às vezes o livreiro, o vendedor, mandava encadernar o livro, o que durou até a década de 1820. Foi nesta década que o "publicador inglês William Pickering (1796-1854) lançou, entre 1822 e 1832, a série dos Diamond Classics, na verdade a primeira experiência de venda em larga escala de livros encadernados" (ARAUJO, 2007). Mas logo perceberam que ela poderia trazer informações relevantes para a publicidade da obra. É comum atualmente os editores usarem capas de forte apelo visual, buscando chamar a atenção do leitor, destacando seu livro dos demais.

Lombada

Lombada é, de acordo com a NBR 12225: "Parte da capa que reúne as margens internas ou dobras das folhas, sejam elas costuradas, grampeadas, coladas ou mantidas juntas de outra maneira; também chamada de dorso."

A lombada, ou dorso, é a parte do livro que fica normalmente expostas quando os livros estão organizados em prateleiras. Nela, as informações dispostas são autor, título e editora. No caso de trabalhos acadêmicos, como monografias, dissertações, não há editora, mas o ano é colocado na lombada. A lombada permite identificar o livro quando este está enfileirado junto com outros em uma estante de biblioteca. É um recurso que facilita o *browsing*, ou a navegação do leitor entre as estantes. Faz parte da estrutura externa do livro.

Folha de rosto

A folha de rosto é fonte principal de informação para monografias. É mais confiável até mesmo que a capa. Nela, além de autor, título e editora, também devem aparecer o local e o ano da publicação. E, se houver, a indicação da edição e/ou tiragem (p.ex. 2.ed. 6ª tiragem).

Verso da folha de rosto

O verso da folha de rosto traz informações importantíssimas sobre o livro. E NBR 6029 - Livros e Folhetos - apresenta uma ordem obrigatória a ser seguida:

- a) **direito autoral** – deve ser localizado na parte superior do verso da folha de rosto, compreendendo o ano em que se formalizou o contrato de direito autoral, antecedido do símbolo de copyright © e do detentor dos direitos;

- b) **direito de reprodução do livro, folheto ou parte deles** - devem ser registradas informações sobre autorização de reprodução do conteúdo da publicação;
- c) **título original** - quando o livro ou folheto for uma tradução, o título original deve ser mencionado;
- d) **outros suportes disponíveis** - devem ser registradas (se houver) informações sobre outros suportes disponíveis;
- e) **dados internacionais de catalogação-na-publicação (CIP)**;
- f) **créditos**.

Ficha catalográfica

A ficha catalográfica, ou Catalogação na Publicação, traz metadados sobre o livro: autor, título, local, ano, editora, número de páginas, série, assuntos. E sua função é servir de referência para a inclusão do livro em bases de dados bibliográficas, contribuindo assim para o Controle Bibliográfico Universal. No Brasil, a Lei 10273 (2003), chamada Lei do Livro, torna a ficha catalográfica como elemento obrigatório do livro.

Colofão

De acordo com a NBR 6029 - Livros e Folhetos:

Elemento obrigatório. Localizado de preferência na última folha do miolo. Recomenda-se a indicação das especificações gráficas da publicação. No caso de a composição e a impressão serem executadas em mais de um estabelecimento, indicam-se os dados de todos eles.

Essas informações são relativas ao formato do livro. A fonte e o tamanho da fonte utilizadas, mancha gráfica, tipo de papel. O colofão é o último elemento pós-textual.

2.2 Por que isso me interessa?

O livro deve apresentar ao leitor razões para ser lido. Em outras palavras, deve informar ao leitor de uma forma mais apurada, mais do que simplesmente o título e o autor, do que o texto trata, como foi escrito, e por que razão o livro pode interessá-lo. Algumas partes do livro são reservadas para informações extras sobre o livro, que podem ser lidas rapidamente pelo leitor, e aparecem em catálogos impressos, e nas sinopses das livrarias online.

Orelha

Cada uma das extremidades da sobrecapa ou da capa do livro, dobrada para dentro e, em geral, com texto sobre o autor ou o livro. São aproveitadas como uma forma de promoção do livro, para que os consumidores possam ter informações rápidas sobre seu conteúdo e/ou sobre seus autores.

Quarta capa

Também conhecida por contracapa, é a última das capas do livro. Nela, de acordo com a NBR 6029 - Livros e Folhetos: "Devem ser impressos o ISBN, conforme ABNT NBR 10521, e o código de barras. Opcionalmente podem constar o resumo do conteúdo e o endereço da editora." O resumo do conteúdo é

importante para o leitor se informar melhor do que o livro trata. Os editores fazem isso de várias formas. Por vezes, utilizam um trecho do próprio texto - do prefácio, ou mesmo do corpo do texto. E em muitos casos, especialmente em livro de sucesso e a partir da segunda edição, utilizam partes de resenhas publicadas em veículos especializados.

Prefácio e Apresentação

Trazem uma idéia geral do que a obra trata. Quando escrito pelo próprio autor, é comum ele expor os motivos e forma como organizou o trabalho.

2.3 Onde termina?

É importante que o leitor saiba onde termina cada capítulo, cada parágrafo, e onde o livro termina. É prática dos editores iniciar sempre um capítulo na página ímpar. Dessa forma, ao concluir ao se deparar com uma página com seu anverso em branco, ou pela metade, o leitor já sabe que ali termina aquele capítulo e se inicia outro na próxima página. O escritor português José Saramago, conhecido por não ser convencional em seus romances, não utiliza numeração para seus capítulos. Mas através dessa informação, é possível saber onde acaba um capítulo e se inicia um novo.

Já para o término do livro, é preciso observar as normas de apresentação de livro. A parte textual, deve trazer obrigatoriamente uma conclusão, que deve ser indicada com este nome ou algo que o substitua igualmente. Isso permite ao leitor saber que o texto do livro termina na última página da conclusão. A partir dela, as informações que se seguem são acréscimos para ajudar a entender o livro. É comum os livros trazerem referências bibliográficas e índices. Porém, podem trazer anexos e apêndices, que dependendo do autor podem enriquecer bastante a obra.

3 Navegação

Navegação, compõe junto com Organização, Busca e Rotulação os quatro eixos para a arquitetura da informação de Websites, de acordo com Morville e Rosenfeld (2006). “(...)”, no sentido comum, significa se movimentar através do espaço. Mas, no sentido amplo, a navegação inclui o movimento virtual através de espaços cognitivos – que são formados por dados, informações e pelo conhecimento que aí emerge” (AGNER, 2006).

Navegar por um livro é exatamente isso: movimentar-se através do espaço do livro, que é limitado pelo seu corpo físico, e apresenta uma navegação interna para ele, no entanto, também faz ligações para outras fontes de informação, e os elementos que trazem essas informações facilitam o que nós chamamos aqui de navegação externa.

Além da estrutura do livro, vista anteriormente, o livro também tem uma divisão interna do seu conteúdo. O livro tem três partes: pré-textual, textual e pós-textual. A pré-textual é aquela que traz todos os elementos que antecedem o texto em si do livro. Essas partes trazem informações sobre o livro, como título, autor, editora e ano, mas também já traz instrumentos de navegação do livro, como listas e sumário. A parte textual é o texto do livro em si. E a parte pós-textual traz informações que só devem ser conhecidas, a princípio, após a leitura do livro, pois o acrescentam e ampliam. Nesta parte, está o índice, que é, em nosso entendimento, o principal instrumento de navegação de um livro.

3.1 Navegação interna

Navegação interna é entendida como aquela que permite ao leitor se localizar dentro do livro. Para isso, vários instrumentos foram desenvolvidos, para melhorar a experiência de leitura em um livro.

A principal forma de navegação em um livro é a paginação. É ela que marca um lugar fixo no livro para uma informação. E é a partir dela que os instrumentos de navegação mais importantes de um livro - sumário e índice - se desenvolvem.

De acordo com Bergman (2008)

Paginação é o sistema pelo qual a informação em um jornal, livro, manuscrito, ou qualquer outro documento impresso ou "eletrônico" é "disponibilizada". No sentido estrito da palavra, isso significa numerar consecutivamente para indicar a "própria" ordem das páginas, o que era raramente encontrado em documentos datados pré-1500, e só se tornou uma prática comum em cerca de 1550, quando substituiu a "folhação", que numerava apenas o anverso dos fólhos.

De acordo com Febvre e Martins (1992)

(...) o hábito de indicar a sucessão dos fólhos só se generalizou lentamente; no início do século XVI, muitos livros ainda não eram numerados e a numeração (quase sempre em números romanos) era nos outros muitas vezes incorreta. Foi preciso esperar mais tempo ainda para que se numerassem não mais os fólhos mas, como hoje, as páginas dos livros: utilizado talvez pela primeira vez por Aldo [Manuzio] em 1499 nas *Cornucopie* de Nicolo Perotto, a "paginação" somente tornou-se corrente graças sobretudo aos impressores humanistas, no segundo quartel do século XV.

Araujo (2007) acredita ter sido um dos primeiros livros a mostrar páginas numeradas o "*Sermo de praesentatione Beata Mariae* (1470), de Werner Rolevinck, impresso por Arnold Therhoernen, em Colônia".

Isso explica a diferença entre folha e página. Folha é numerada e traz informação apenas na parte da frente (reto), no seu anverso. O verso, a parte de trás, fica em branco. Já a página traz informações, e são numeradas, no verso e anverso.

A folha ou a página marca o lugar da informação. Quando numeradas, fica fácil marcar onde está determinada informação, e assim voltar à ela quando for desejado. A paginação permite os principais sistemas de navegação de um livro, que são o sumário e o índice, que serão vistos mais adiante.

Um sistema de localização anterior à paginação e, até certo ponto, mais preciso, é a navegação por parágrafos, como usado na Bíblia. Ela tem base no que Otlet (1934) chama de divisão intelectual do livro, que divide o livro em "partes, tomos, capítulo, parágrafos, seções, versículos". Estes, compostos por frases curtas, duas ou três páginas no máximo (OTLET, 1934). Em 1228, o Prof. Stephen Langton dividiu a Bíblia em capítulos, a fim de facilitar a navegação e a localização de passagens. William Whittingham, em 1560, dividiu os capítulos em versículos, em sua tradução da bíblia para o inglês que ficou conhecida como Bíblia de Gênova, tornando a localização ainda mais precisa. Esse tipo de navegação é fundamental, pois a Bíblia é um livro bastante antigo, que tem inúmeras edições, versões e traduções, e seria bastante inútil indicar a página exata de uma informação, pois somente com muita sorte um leitor teria em mãos um exemplar da mesma tiragem.

Um sistema de navegação em documentos parecido com esse é o sistema de leis. As leis são divididas em artigos, parágrafos, incisos e alíneas. As informações nas leis não são encontradas por página, e sim pelos artigos, parágrafos, incisos e alíneas. Os artigos são sempre os principais, e vem em algarismos arábicos. Os parágrafos também são numerados com algarismos arábicos, porém são precedidos do "§". Os incisos também são numerados, mas em algarismos romanos a fim de não confundir. E, por fim, as alíneas que são apresentados em ordem alfabéticas. Quando um artigo tem apenas um parágrafo, aparece como "parágrafo único".

Tais sistema de navegação por livros são herdeiros diretos dos manuscritos. De acordo com Febvre e Martins (1992):

Para melhor conceber os progressos realizados graças à imprensa, pensemos em primeiro lugar nas dificuldades que encontravam os sábios, os eruditos ou os estudantes ao tempo dos manuscritos: ao citar um texto, havia a impossibilidade de indicar, como temos hoje o hábito de fazer, o número do fôlio ou da página em que o texto fora encontrado, visto que tal número variava, pelo menos em princípio, segundo cada manuscrito. Era preciso indicar o título do capítulo ou seu número ou mesmo o parágrafo em que se encontrava a passagem em questão, dar também muitas vezes a cada parágrafo um título particular e frequentemente mesmo dividir o texto em pequenos parágrafos fáceis de encontrar a fim de tornar possível o uso de um sistema de referências.

Porém, com ironia, os autores Febvre e Martins (1992) colocam que essa evolução para a numeração parece ter tido, como objetivo, no início, não o de facilitar a tarefa dos leitores, mas o de guiar o trabalho dos artesãos que fabricavam o livro: o dos encadernadores sobretudo, que era muito delicado, numa época em que cada caderno compreendia, geralmente, um número desigual de fôlios e em que cada folha devia portanto ser encartada de maneira diferente.

3.2 Navegação interna pré-textual

A navegação interna por um livro é iniciada na parte pré-textual. Busca responder ao leitor a pergunta: para onde eu posso ir? Os elementos pré-textuais de navegação em um livro são:

Sumário

O sumário é a "enumeração das divisões, seções e outras partes de uma publicação, na mesma ordem e grafia em que a matéria nele se sucede" (NBR 6027, 2002). É por vezes conhecido como tábua da matéria, do francês "*table de matières*". É uma ordenação dos tópicos abordados no livro na sequência em que eles aparecem. O sumário remete diretamente para a página em que se inicia um capítulo, seção ou subseção. É uma informação básica para o leitor, pois permite que este se guie pelos títulos dos capítulos e subcapítulos, indo diretamente ao que mais lhe interessa.

O sumário, de acordo com a NBR 6027 - Sumários - é o último elemento da parte pré-textual. Assim é pois ele deve ser colocado exatamente antes do início do texto, com a intenção de que o leitor o leia antes de partir para o texto do livro. Essa obrigação, no entanto, pode dificultar pois empurra o sumário muito para dentro do livro, dificultando sua localização (ARAUJO, 2007). O leitor é livre para folhear o livro da forma que quiser, e nem sempre o faz do início para o fim.

O sumário é, por assim dizer, o mapa que permite a navegação linear do livro.

Listas (de siglas e abreviaturas, de figuras e de tabelas)

As listas que devem aparecer na parte pré-textual de uma monografia são as listas de siglas, que irão auxiliar na leitura e no entendimento do texto. As demais, trazem a sequência e o título de cada uma das figuras e tabelas utilizadas na parte textual da obra. Constituem um importante instrumento pois auxiliam o leitor a encontrar especificamente esse tipo de conteúdo - figuras e tabelas - que são ricos em informação, mas possuem poucos recursos apontando para eles. Figuras e tabelas não são indicadas nos índices nem nos sumários, por exemplo.

3.3 Navegação interna textual

A navegação interna textual está conformada pelas páginas capitulares, capítulos, seções e subseções, título corrente, e notas.

Páginas Capitulares

As páginas capitulas são aquelas um capítulo inicia. É importante para o leitor perceber essa informação, pois um novo capítulo representa uma nova parte do texto a ser lida. A palavra capitular vem de caput - cabeça (ARAUJO, 2007). É comum encontrar nas páginas capitulares o número seguido do título do capítulo, precedido ou não da palavra "capítulo", como no exemplo: Capítulo 10 - Dimensões epistemológicas da Ciência da Informação. Outra forma, mais comum em romances de literatura, é o uso de letra ou palavra capitular, primeira letra ou a primeira palavra, às vezes, a primeira linha de texto, com um destaque especial no caracteres, em geral, fonte maior e rebuscada. Trata-se de uma "herança da tradição manuscritora medieval, recolhida e perpetuada no livro pelos incunábulos, que apresentavam esse destaque iluminado em cromatização rica de ouro e azul esmaltado" (ARAUJO, 2007).

Capítulos, Seções e Subseções

São subdivisões do texto do livro. São parte daquilo, já citado anteriormente, que Otlet (1934) chama de divisão intelectual do livro. Facilita para o autor escrever dentro dessas divisões, pois assim ele foca naquilo que quer passar para o leitor, e facilita, sobretudo, para o leitor, que terá o exato conhecimento de onde está no texto, do que virá depois e do que já foi lido.

Título corrente

São usados para indicar em que capítulo o leitor está. São colocados no cabeçalho da página, e informam, em geral, o nome do autor e o título do capítulo ou seção da página. Procura fornecer mais informações para responder a pergunta constante do leitor: onde eu estou?

Nas palavras de Paul Otlet (1934), "O título corrente deve concluir o livro em um escritório útil. Deve ser visto como um resumo ou o conteúdo da página acima do qual ele é colocado". E o ilustre humanista ainda ressaltava a importância deste tipo de informação para o leitor, ao advertir que "É um erro dar a todas as páginas de um livro o mesmo título corrente.(...)".

Notas

As notas são explicações de termos, expressões, palavras, e também são usadas para que autor justifique o uso de determinado autor ou obra. As notas normalmente são feitas pelo editor ou pelo tradutor, e, claro, pelo autor da obra. Elas aparecem numeradas dentro de um capítulo, com o número sobrescrito. E sua referência pode ser encontrada no rodapé da página ou ao final do capítulo.

As notas passam informações para o usuário que não dizem respeito diretamente ao texto do livro, mas podem acrescentar informações para leitura do usuário, como é comum notas do tradutor explicando o uso desta ou daquela forma, bem como indicar ao leitor novas leituras, ou ainda curiosidades colocadas pelo autor.

De acordo com a NBR 10520 (2002), os tipos de notas são:

- **notas de referência:** Notas que indicam fontes consultadas ou remetem a outras partes da obra onde o assunto foi abordado.
- **notas de rodapé:** indicações, observações ou aditamentos ao texto feitos pelo autor, tradutor ou editor, podendo também aparecer na margem esquerda ou direita da mancha gráfica.
- **notas explicativas:** Notas usadas para comentários, esclarecimentos ou explicações, que não possam ser incluídos no texto.

3.4 Navegação interna pós-textual

A navegação interna pós-textual está conformada pelos índices. Segundo Febvre e Martins (1992), os índices podem ter surgido por acaso "(...) era já para ajudar o encadernador que os impressores, imitando os copistas de algumas grandes oficinas, haviam muitas vezes acrescentado ao volume um índice no qual indicavam a primeira palavra de cada caderno ou de cada fólio duplo (registro)".

De acordo com Araujo (2007)

A noção moderna de índice, contudo, liga-se de modo estreito ao fator remissão, vale dizer, as palavras-chave, os conceitos, ordenados alfabeticamente e vinculados a algum tipo de numeração. Até a introdução desse elemento (o que se deu, em última análise, por meio do livro impresso), os índices remetiam apenas à primeira palavra dos parágrafos tidos como importantes".

O índice, de acordo com a NBR 6034 - Índices, é "Relação de palavras ou frases, ordenadas segundo determinado critério, que localiza e remete para as informações contidas num texto." O índice deve aparecer na parte pós-textual de uma monografia. Sua intenção é permitir uma navegação mais precisa pelo livro. Para Wright (2007), os índices são verdadeiros precursores do hipertexto, ao permitir essa leitura não-linear de um livro.

Araújo (2007) diz que "ao encomendar o índice (...), o editor do texto deve, no mínimo, indicar que tipo de referências deseja transmitir ao leitor, consoante a própria natureza da obra em questão." Existem vários tipos de índices, que são classificados de acordo com [1] Ordenação e [2] Enfoque. Quanto à ordenação, podem ser de ordem alfabética, sistemática, cronológica, numérica ou alfanumérica. Quanto ao enfoque, podem ser especial, quando organizados por: autores, assuntos, títulos (didascálico), pessoas ou entidades (onomástico), citações, anunciantes e matérias publicitários; ou geral, quando combinam duas ou mais organizações especiais (NBR 6034).

No entanto, os editores não indicam que sejam utilizados todos esses índices. Uma vez que a função do índice é auxiliar o usuário a encontrar uma informação no texto do livro, o editor não pode obrigar o leitor "ao esforço desnecessário de, para encontrar o que procura, localizar a página onde começam este ou aquele índice, para não falar da perda de espaço, que inevitavelmente ele o custo do livro" (ARAUJO, 2007).

Deve haver preocupação especial na confecção de índices, nos seguintes pontos:

1. Pontuação: A vírgula somente devem ser usadas entre os indicativos de páginas (345, 354, 390), ou de grupos de páginas (287-290, 310-317). O cabeçalho principal deve separar-se das remissões por dois pontos, e os sub-cabeçalhos devem ser separados entre si por ponto-e-vírgula:

Música:
barroca 267;
erudita 234;
2. Excesso de subcabeçalhos: Deve-se ter bastante cuidado como número de subcabeçalhos. Deve-se pensar que o leitor irá primeiramente buscar uma palavra nos cabeçalhos, então é importante garantir que ele consiga encontrá-la na maioria das vezes dessa forma.
3. Referências cruzadas: Deve-se evitar o excesso de subcabeçalhos, incentiva-se o uso de referências cruzadas (*ver e ver também*), que remetem para o termo autorizado do índice e para outros tópicos afins, respectivamente.
4. Notas preliminares: Por fim, é importante que seja explicado de forma detalhada o uso e a organização do índice, pois os símbolos utilizados variam de livro para livro, e o leitor deve ser informado.

3.5 Navegação externa

A navegação externa é aqui entendida como aquela que remete a uma fonte de informação que está fora do livro, ou seja, remete a um outro livro, a um artigo, a uma página na Web, enfim, a um documento qualquer que foi útil e usado de alguma forma para a construção do livro que se lê. Veremos alguns instrumentos usados por editores e autores para a navegação externa de livros.

Citações

As citações são, de acordo com a NBR 10520, "Menção de uma informação extraída de outra fonte". Citar é, dessa forma, informar ao leitor de que fonte foi retirada determinada informação. As citações podem ser diretas, quando são extraídas e transcritas da mesma forma como estão na fonte original; ou indiretas, quando o texto do autor é apenas baseado na fonte citada. De acordo com a NBR 10520, as informações da fontes que devem ser colocadas são: autor, ano e página, quando se tratar de fontes com paginação. Note-se que essas informações são fundamentais para que se encontre corretamente a fonte e a informação citadas.

Referências bibliográficas

As referências bibliográficas são metadados que dão as informações principais sobre as fontes consultadas. Podem aparecer (NBR 6023: 2002):

- a) no rodapé;
- b) no fim de texto ou de capítulo;
- c) em lista de referência;
- d) antecedendo resumos, resenhas e resenhas

Quando aparecem no rodapé, servem para indicar de que fonte externa uma citação direta ou indireta, ou mesmo uma menção, foi retirada pelo autor. Isto é claro serve para que o leitor, caso haja interesse, possa encontrar a fonte original e, também, para dar créditos aos responsáveis da obra inicial.

No fim de texto ou de capítulo as referências bibliográficas ficam melhor organizadas pois se referem a uma quantidade menor de informação. Em lista de referência, ao fim do livro, organizam todas as referências utilizadas no livro. É a forma mais comum. Quando antecedem resumos, resenhas e resenhas, elas precedem o texto, pois para o leitor é fundamental saber qual o livro que está sendo criticado ou resumido.

As referências podem aparecer de duas formas: 1) ordem alfabética da entrada principal, que é padronizada. A entrada principal é o autor ou responsável pela obra. Se não houver ou não for possível identificar, a entrada será pelo título; 2) Sistema numérico.

Para apresentar as referências de uma forma mais simples, um dos artifícios utilizados é substituir o nome do autor por um traço (____) e ponto (.). Assim (NBR 6023):

FREYRE, G. ***Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob regime de economia patriarcal.*** Rio de Janeiro: J. Olympio, 1943. 2 v.

_____. ***Sobrados e mocambos: decadência do patriarcado rural no Brasil.*** São Paulo: Ed. Nacional, 1936.

No sistema numérico, as referências são apresentadas na ordem em que aparecem no texto.

4. Conclusão

O ser humano ao longo do tempo desenvolveu instrumentos e métodos para lidar com grandes volumes de informação. Consideramos neste artigo que um livro possui grande volume de informação, de modo que desde o seu surgimento foram construídos instrumentos para reduzir a complexidade ao lidar com este volume.

Nenhum elemento de um livro está nele por acaso, e se o livro é uma das tecnologias mais antigas ainda em vigor, é por ter evoluído enquanto produto de informação e conseguido satisfazer as necessidades de informação do leitor. Da capa ao índice, tudo no livro é pensado e executado com este fim. É muito interessante ver como a evolução da construção do livro procurou favorecer o leitor, mesmo quando tal favorecimento ocorreu por acaso.

A arquitetura da informação do livro é muito rica, pois foi desenvolvida com base na prática dos editores, por um lado, e dos leitores, por outro. Não é por acaso que vemos na Web um número grande de sites usando sistemas de navegação usados em livros: sumários, índices, capas, títulos. Isso se deve ao fato do livro ser em si um ambiente que encerra grande volume de informação.

Bibliografia

AGNER, Luiz. Ergodesign e Arquitetura de Informação: Trabalhando com o Usuário. Ed. Quartet, 2006.

ARAUJO, Emanuel. A construção do livro. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2007.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023: informação e documentação: referências: elaboração. Brasília, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6029: informação e documentação: livros e folhetos: apresentação. Brasília, 2006.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 12225: informação e documentação: lombada: apresentação. Brasília, 2004.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 10521:.. Brasília, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 10520:.. Brasília, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6027:.. Brasília, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6034:.. Brasília, 2002.

CAVALCANTI, Cordélia Robalinho ; CUNHA, Murilo Bastos da. Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henry-Jean. O Aparecimento do Livro. São Paulo: Unesp; Hucitec, 1992.

OTLET, Paul. *Traité de Documentation: le livre sur le livre*. Bruxelles: Palais Mondial, 1934.

ROSENFELD, L.; MORVILLE, P. *Information Architecture for the Word Wide Web*. 3. ed. Sebastopol, CA: O'Reilly, 2006.

WRIGHT, A. *GLUT: mastering information through the ages*. Londres: Cornell University, 2007.

Dados dos autores

Gustavo Henrique do Nascimento Neto

Possui graduação em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Pernambuco (2003) e mestrado em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba (2010). Atualmente é analista documentação - biblioteconomia - Procuradoria Regional do Trabalho da 13ª Região. Tem experiência na área de Ciência da Informação, com ênfase em Arquitetura da informação, atuando principalmente nos seguintes temas: educação a distância, aprendizagem, design de serviços de informação.

gustavohenn@gmail.com

Geysa Flávia Câmara de Lima Nascimento

Professora do Departamento de Ciência da Informação/UFPB. Mestra em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba (2008). Especialista em Gestão em Unidades de Informação pela Universidade Federal da Paraíba (2008). Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal da Paraíba (2001). Organizadora do Livro *Biblioteconomia para concursos v.2*. Participa do conselho editorial da Editora Baluarte. Tem experiência na área de Educação e Ciência da Informação, com ênfase em Biblioteconomia e Arquivologia, atuando principalmente em: Representação da Informação, Linguagens de Indexação, Serviços de Referência, Gestão em Bibliotecas, Educação, Tecnologia da Informação, Metodologia do Trabalho Científico e dinamização de bibliotecas.

geysaflavia@gmail.com

Recebido - Received : 2013-11-14

Aceitado - Accepted : 2014-06-30



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 United States License.



This journal is published by the University Library System of the University of Pittsburgh as part of its D-Scribe Digital Publishing Program and is cosponsored by the University of Pittsburgh Press.